



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA

O GIGANTE VERDENEGRO

Por LEONOR DE CAMPOS

Desenhos de A. GASTANÉ

—«Conte-me uma história, avózinha, sim?»—pe-
diu, com voz meiga, o Zezinho.

—«Não sei já o que hei-de contar-te, meu filho.
Todos os dias uma!...»

—«Ora, avózinha. Isso para si não é nada. Sabe
tantas!...»

—«Bom! Então vamos a isso!... Não tenho ou-
tro remédio! Senta-te nesta cadeirinha e escuta:

«Era uma vez um gigante muito mau, muito mau.
Chamava-se Verdenegro. Era preto como o carvão.
Tinha os dentes verdes e os cabelos grossos como
cordas. Todos o temiam, porque, se se zangava com
alguém, essa pessoa podia dizer adeus à vida: Ver-
denegro aplicava-lhe tamanho sôco que a desfazia
em mil bocados.

«O gigante vivia na Montanha Azul, em lindo pa-
lácio, rodeado de altas muralhas e defendido por
uma multidão de soldados, que êle obrigava a servir
sob as suas ordens. Os soldados detestavam-no, mas
não se atreviam a fugir nem a revoltar-se, porque
receavam a sua vingança.

«Verdenegro saía pouco. Passava a vida no palá-
cio, a jogar os dados com a soldadesca. Mas ai
daquele que pensasse em ganhar. Só Verdenegro
finha êsse direito e, como ninguém podia recusar-se
a jogar com êle, o gigante ia enriquecendo... enri-
quecendo...

«Uma vez por semana, ia Verdenegro à cidade
fazer as compras. Ladeado por numerosa escolta,
parecia um rei com seus vassallos. Apenas chegava
ao mercado, gritava com voz de trovão:

—«Aqui estou eu!... Venham galinhas, patos,
perús, ovos e fruta!...»

«Os vendedores, aterrados, corriam a atendê-lo.
E deixavam sempre ir os gêneros pela quantia que
êle estipulasse, porque senão Verdenegro enfure-
cia-se e, ao sôco e a pontapé quebrava, despedaçava,
destruía tudo o que existisse no mercado.

«Ora certo dia estava o gigante ia fazer as suas
compras, quando avistou uma cavalgada, que vagaro-
samente se aproximava do mercado. Verdenegro es-
perou, com ar arrogante. Mas de súbito abriu a
enorme bocarra e soltou um ah! de admiração!...
E o caso não era para menos:

«No meio de brilhante comitiva, composta de da-
mas e gentis-homens, sobressaía, como uma fada de



maravilha, a linda princesa Rosiclér. Montada num cavalo branco, ajaezado a ouro, vestida com bela túnica de prata, sedosos cabelos loiros emoldurando-lhe o rosto formoso, a prínciezinha extasiava quem a olhasse.

«Verdenegro perdeu a fala. Queria dizer à princesa quanto a admirava e só podia articular:

—«Ah!... Oh!... Eh!... Ah!...»

«Tanta vez disse isto, que Rosiclér não pôde conter-se e largou uma gargalhada cristalina, mostrando os dentinhos brancos, certos e unidos como um lindo colar de pérolas.

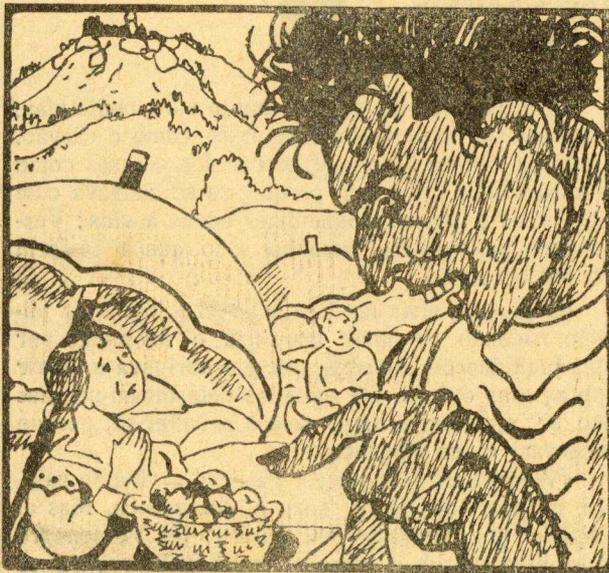
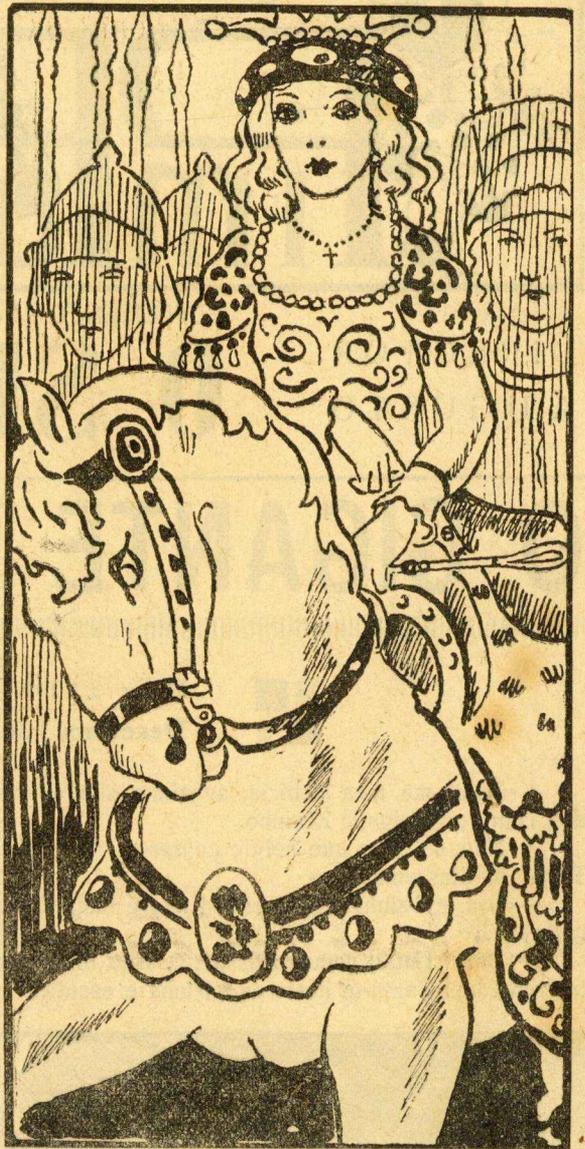
«Ao ouvirem aquela gargalhada, todos os que assistiam à cena desataram a rir como doidos.

«Então Verdenegro encheu-se de raiva e, recuperando a fala, berrou:

—«Todos vós que ristes: não rireis por muito tempo. Dizei ao vosso rei que, se dentro dum mês eu não fôr o marido da princesa, matá-lo-hei e arrazarei tôda a cidade...»

«E, dizendo isto, voltou as costas e, acompanhado pelos seus soldados, retomou o caminho da montanha Azul.

(Continua no próximo número)



OS NÊTINHOS DO TEMPO

■ POR LAURA CHAVES ■



O senhor Tempo é um velho de grande barba nevada, senhor de bem bom conselho e de palavra acertada,

Teve um filho: O senhor Ano que é o pai de doze indezes e o Tempo mostra-se ufano dos seus nêtinhos, os Meses,

A Era, a mãe, — que ruim! — diz sempre: — O Tempo, o avô, foi quem os criou assim, foi êle que os educou!

O mais velho é D. Janeiro, comprido, agreste, sombrio, que tem luar sem parceiro e treme rôxo de frio.

O CESTINHO DA COSTURA

Por ABELHA MESTRA

Minhas amiguinhas.

—«Vamos apanhar o trevo, o trevo no chão!...»

Assim começa a cantiga que se canta no S. João, não é verdade?

Pois a vossa Abelha Mestra começou muito mais cedo. Ainda estamos em Abril e já ela andou a apanhar uns trevos para vos trazer hoje!

E que engraçado ramalhete eles fazem!

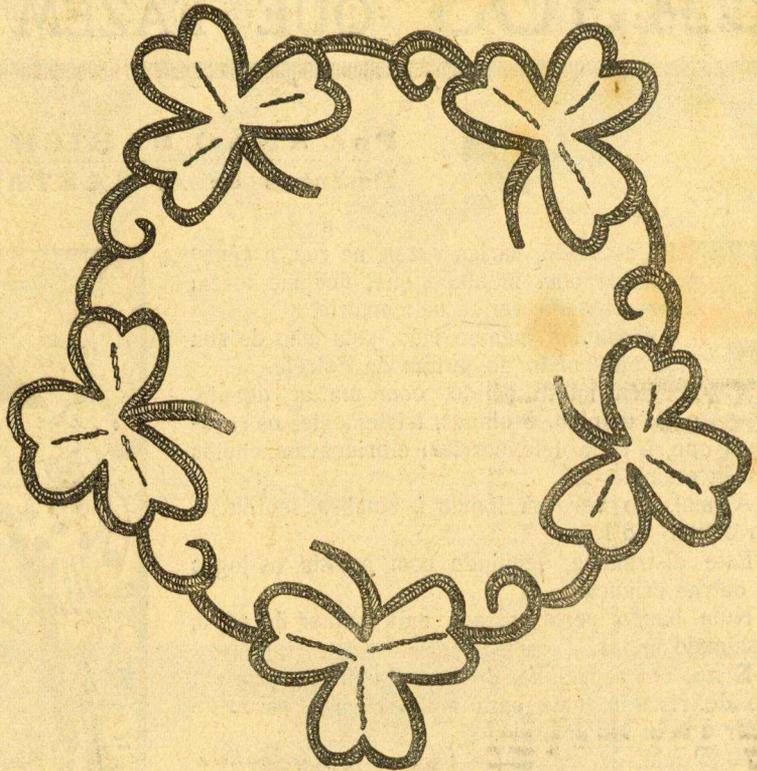
Mas é preciso bordá-los.

Vamos escolher um algodão perlé verde dum tom bonito e faremos a nossa obra tóda em ponto de recorte.

E agora sempre quero ver se, para o S. João, teremos o *napperon* acabado!

Abraça-as a vossa

ABELHA MESTRA



Vem a seguir Fevereiro, Pequenino e engraçado. Também friosote, faceiro, gosta de andar mascarado.

Março é agreste e ladrão. Finge ter sol e faz mal, pois inda rouba ao irmão muita vez o Carnaval.

A primavera é chegada no cantado mês de Abril mas chega sempre molhada porque «em Abril, águas mil.»

Maió, sim! É mês das rosas nos jardins a florescer. Nas suas tardes radiosas dá vontade de viver.

Junho é alegre e é rico mas quente como o demónio! É o mês do bailarico, é o mês de Santo António.

O Julho, — que maçador! — Nada mesmo o recomenda! Bufa a gente de calôr e êle nunca tem emenda.

Agosto, então, causa mêdo! Um calôr insuportável! Uma praga de mosquedo Que mês tão indesejável!

Setembro é muito asseado pois gosta de se lavar, passa a vida mergulhado de «maillot» dentro do mar.

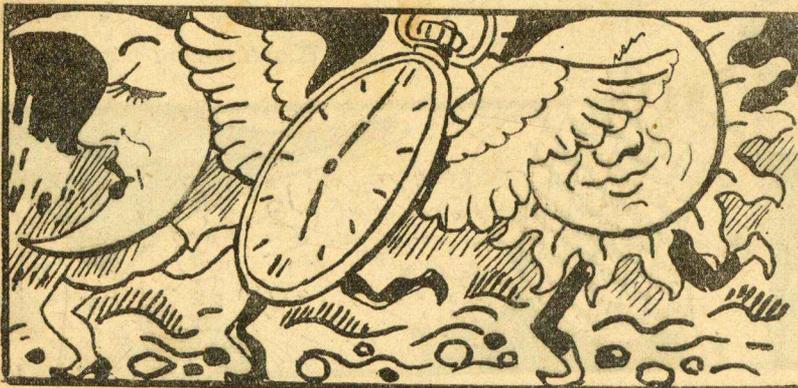
Outubro é poeta, é artista, não há outro mês assim. Pode-se espraia a vista que o horizonte é sem fim!

Novembro, o mês que se segue, o tal da castanha assada, diz ser quente e não consegue pois tem a penca encarnada.

Dezembro revolve o solo, é rúde, frio e trombudo mas traz o Menino ao colo e a gente desculpa tudo.

Quando o senhor Tempo fez, na sua sabedoria, tão desigual cada mês, bem sabia o que fazia...

Por isso, há grande verdade, nesta frase conhecida: «Afinal a variedade é que é o matiz da vida».



F

I

M

CASOS QUE FAZEM PENSAR

Por ANÃO SABICHÃO

Desenhos de A. CASTANÉ

TENHO assistido, várias vezes, na rua, a cênas passadas com meninos, que, por me terem impressionado, retive na memória.

Vinha um menino rico, pela mão de sua mãe, passeando no jardim da Estrêla.

Era muito pálido, com um ar doente, o tal menino, e olhava, tristemente, os rapazinhos que, à roda dele, corriam e brincavam, cheios de vida e saúde.

A mãe, ao ver um banco à sombra, sentou-se, com o filho ao lado.

Êste distraía-se, seguindo com a vista, os jogos das outras crianças.

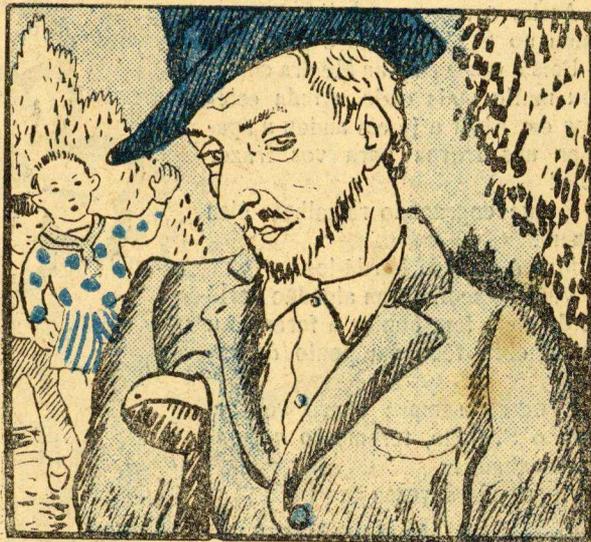
Num banco perto, estava uma mulher do povo, passajando meias.

Nisto, um rapazinho, de aspecto pobre, com um bibe de riscado, uma cara muito corada, parou de correr e veio ter com ela.

— O' mãe, dê-me pão! — pediu o rapaz.

A mulher entregou ao filho um grande naco de pão escuro que êle desatou logo a trincar.

— Mãizinha, — disse o menino rico, numa voz amimada — Eu quero, também, um bocado de pão como aquêlê!



Esperançada em que o apetite voltasse ao doentinho, a senhora acudiu prontamente:

— Tens aqui, nesta mala, — (e entregava-lha) — o teu leite, as bolachinhas e os bolos, feitos de propósito para ti, como o senhor doutor receita.

— Mas eu só tenho vontade para aquele pão! — repetiu o menino, fazendo beicinho.

— Vou mas é trocar o meu lanche com o daquele rapaz!

— Não pode ser, meu filho. O pão que êle come, faz-te mal, a ti. O teu estômago está doente, não digere pão escuro! — tornava a mãe, tentando dissuadi-lo daquela teima.

A criança, choramingando, continuava, sempre pedindo: — Quero aquele pão! Quero aquele pão!

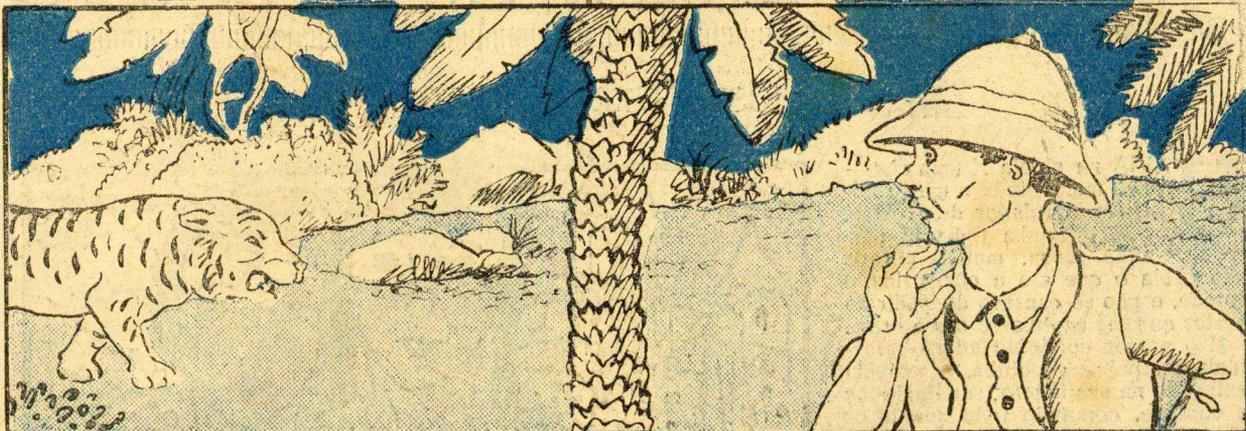
E a senhora teve de o afastar dali para o filho não ver mais o pão que o rapazinho pobre mastigava, observando de longe, um tanto desconfiado, aquele chôro e os olhares cobiçosos que o menino rico lhe deitava!

Êste incidente fez muita, muita pêne, ao vosso amigo Anão, e julgo que todos vocês teriam, da

(Continua na página 7)

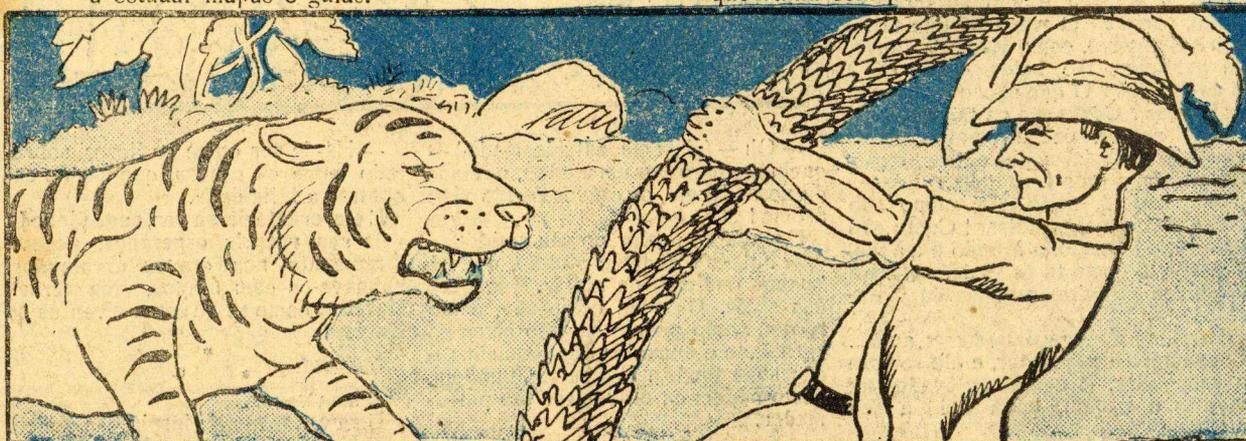


O EXPEDIENTE DE JEREMIAS



O explorador Jeremias, em plena selva africana, passava dias e dias, levava toda a semana a estudar mapas e guias.

Porém, em certa manhã muito linda, por sinal, a meio do seu afã, surge-lhe um tigre real que vinha com pés de lá...



Jeremias, desarmado, convencido de que morre, fica muito atrapalhado. Nisto, uma idéia lhe ocorre, vendo uma palmeira ao lado.

Puxa o tronco da palmeira, com toda a força que tem; curvando-o de tal maneira que, ao largá-lo, em seu vai-vém, dar-lhe-ia na mioleira.



Dito e feito... Quando a peste da fera, soltando um ronco, o salto prepara e investe, Jeremias larga o tronco... e o resultado foi este!

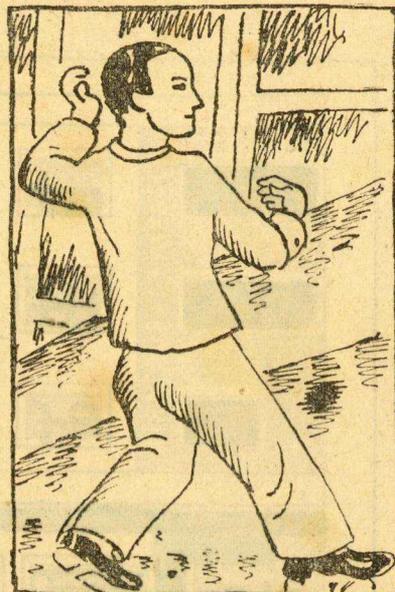
Leitor, da história sem arte, seu conceito previdente vou, agora, apresentar-te: — Vale mais o expediente, às vezes, que um bacamarte!

CONCURSO

A DIVINHA

UMA VILA COMPLETA

Avisamos os nossos pequeninos leitores de que a construção para armar, que hoje publicamos, é a quarta duma série que constitui o nosso novo concurso intitulado: — *Uma Vila completa*, conforme as condições á expressas nos números anteriores; Não deixem, portanto, de coleccionar estas construções, a-fim de poderem habilitar-se ao referido concurso



Meus Meninos:— Este rapaz está com vontade de dançar com uma certa menina. Vejam se a descobrem.

CHARADAS COMBINADAS

- | | | |
|---------------|----------------|----------------------------|
| + to — Ave | + ma — Leito | + mo — Patrão |
| + mo — Alto | + te — Poeta | + to — Queixo |
| + te — Pessoa | + ma — Lodo | + te — Legado |
| + mo — Alto | + ta — Apelido | + ra — Local da desfolhada |
| + mo — Patrão | + mo — Patrão | + to — Animal roedor |

Conceito: — *Resignação* Conceito:—*Esquadrão* Conceito: — *Arvore de fruto*

CASOS QUE FAZEM PENSAR (Continuado da página 4)

mesma forma, grande dó, daquele menino que, por ser doente, de nada lhe valia ser rico.

Quanto mais feliz não era o rapazinho do bibe de riscado, o que comia o pão escuro, que respirava saúde, e a quem tudo sabia bem e que de tudo podia comer!

A' saída do jardim, ainda avístei o pequeno doente, já mais resignado, entretido a dar o bom lanche, que não lhe apetecia, aos lindos cisnes do lago, enquanto a mãe o olhava, com um olhar muito triste!

Quem sabe se, pensava consigo, de boa vontade, daria tôda a sua fortuna, para que o filho pudesse comer, como o pobrezinho, o naco de pão ordinário, que tanto lhe apetecera!

Outro caso, dum género bem diferente.

Vinha eu passando à porta dum colégio, ao mesmo tempo em que passava, também, um aleijado, com uma perna de pau, de quem eu sabia a triste história.

Os meus meninos calculem a minha indignação quando ouvi as vozes dos rapazes que estavam ali reunidos, gritarem numa assuada:

— «Oh, pernetta! Oh, coxelas!» e corriam atrás dele, a imitá-lo.

O pobre homem não se zangou, antes sorriu, com um ar resignado.

Mas eu é que não o deixei prosseguir o seu caminho sem fazer ver, aos rapazes que tão maus sentimentos mostravam, a sua falta para com o aleijado.

Dirigi-me a êle: — «O senhor vai contar aqui a êstes meninos a sua história, sou eu quem lhe pede!»

— E vocês, — (disse para os rapazes) — vão passar o seu récreio, a ouvi-la.»

Elês olharam-me, intimidados com a minha maneira autoritária.

Fiz sentar o inválido num banco e os rapazes rodearam-no, já curiosos por escutar a história prometida.

— «Olhem, meus meninos, — (começou êle) — a minha perna foi um bicho mau que a levou!»

A estas palavras a curiosidade subiu de ponto.

— «Como foi?! Conte! Conte!» — pediram todos.

— «Eu era um rapaz robusto, como qualquer de vocês. Vivia descansado, trabalhando nas minhas terras quando correu a noticia de que uma fera andava à solta, diziam, matando gente, sem conto! Muitos, da minha idade, — nêsse tempo eu era moço, — partiram, também, para combater a fera e eu parti com êles. No sítio em que a fera urrava, quanto mal ela já havia feito! Quantos campos devastados, quanta casa reduzida a cinzas, quantos mortos, e crianças órfãs, e mulheres viúvas ou sem filhos! Muitos dos meus companheiros lá ficaram, devorados pelo dragão terrível! Eu, mais feliz, apenas perdi uma perna!»

— «Mas que bicho terrível era êsse?» — perguntou um dos pequenos.

— «A guerra, meu rapaz! — (disse o inválido).

— Foi na guerra, que deixei a minha perna, fazendo o meu dever, defendendo a minha Pátria e quando voltei, com o peito coberto de medalhas, ainda tive a fortuna de achar viva a minha mãe, que me abençoou. Hoje estou velho, doente e os meninos riem-se de mim...».

— «Não riremos mais!» — disse um dos rapazi-nhos, com os olhos rasos de água.

— «Não riremos mais! Nunca mais!» — fizeram os outros em côro.

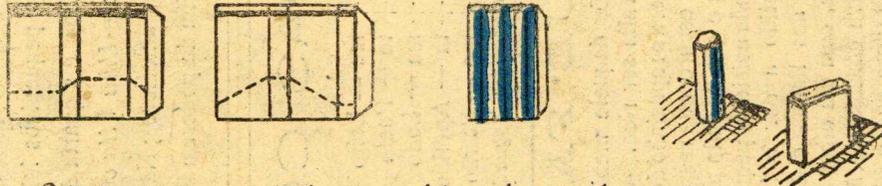
E todos procuravam abraçar e mutilado da guerra que sorria, muito comovido.

Pôs termo às efusões, a sinêta chamando para a aula os alunos. Mas, agora, vejo, muitas vezes, o pobre inválido sentado no mesmo banco, rodeado dos rapazes da escola, — tornados seus verdadeiros amigos, — que escutam, com a maior atenção e ternura, as suas narrativas, cheias de interesse.

4.^a FÓLHA

HABITAÇÕES e estabelecimentos

CHAMINÉS

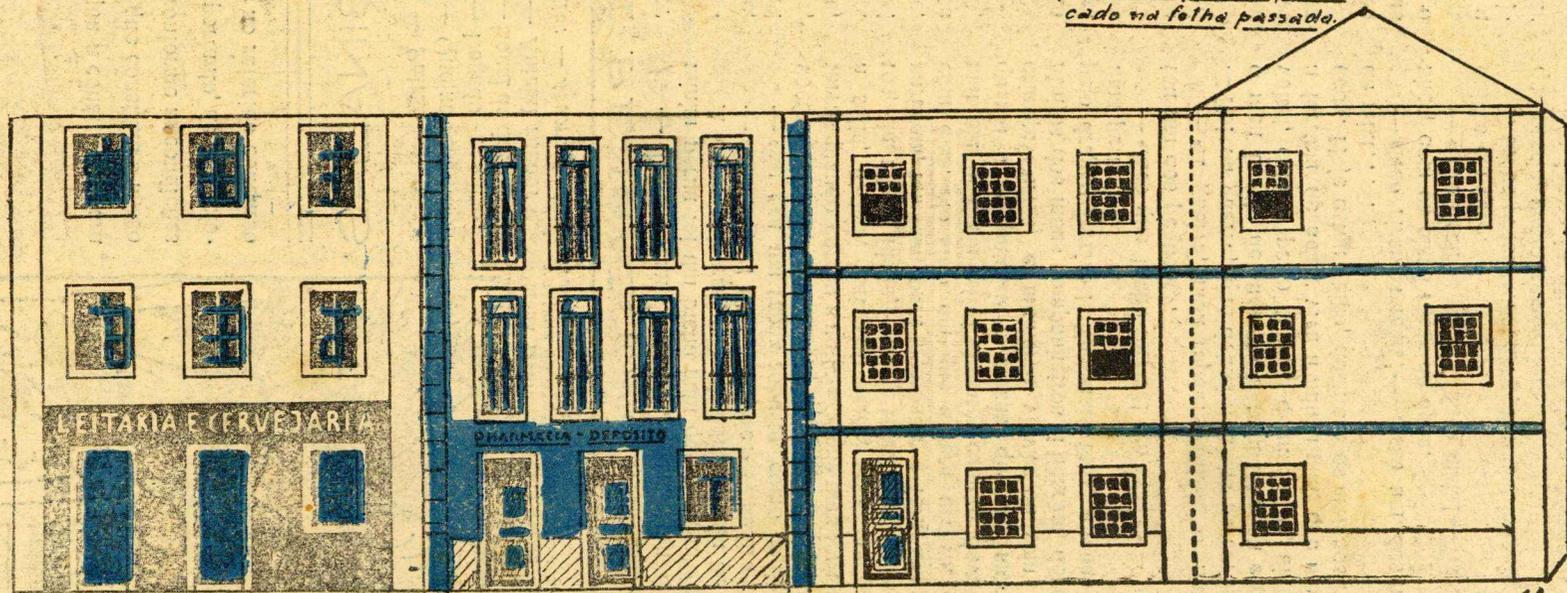


Para colocar no telhado (publicado no número passado) nos sítios indicados.

ESQUEMAS

Continuação da 3.^a folha

O que falta aqui foi publicado na folha passada.



A. Laborda